

A EDUCAÇÃO ECOLÓGICA À LUZ DA *LAUDATO SI'* E SUA RELAÇÃO COM OS OUTROS SABERES NA DIMENSÃO DO ENSINO RELIGIOSO

LA EDUCACIÓN ECOLÓGICA A LA LUZ DE LAUDATO SI' Y SU RELACIÓN CON OTROS SABERES EN LA DIMENSIÓN DE LA EDUCACIÓN RELIGIOSA

ECOLOGICAL EDUCATION IN THE LIGHT OF LAUDATO SI' AND ITS RELATIONSHIP WITH OTHER KNOWLEDGE IN THE DIMENSION OF RELIGIOUS EDUCATION

Wagner Francisco de Sousa Carvalho¹
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Brasil

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo desenvolver o que é a educação ecológica à luz da carta encíclica *Laudato si'*. Inicialmente, traça um itinerário educativo da *Gravissimum educationis*, passando pelos principais documentos do pontificado de papa Francisco para, enfim, delinear um mapa constitutivo com definição, elementos e âmbitos desta prática ecologicamente educativa. A proposta inspiradora é a necessidade de reconhecer novos agires sobre o atual estilo de vida escolhido pela sociedade, fazendo refletir que precisa superar a ambígua compreensão de como se houvessem duas crises separadas, a do homem e a ecológica, enquanto que na verdade existe uma única e complexa crise sócio-ambiental. O resultado é identificar a educação ecológica como novo paradigma da vida e sua relação com os outros saberes no processo do ensino religioso.

PALAVRAS-CHAVES

educação, ecologia, crise, humanidade, conversão

¹ padrewagner@hotmail.com

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo desarrollar el concepto de educación ecológica a la luz de la encíclica *Laudato si'*. Inicialmente, bosqueja un itinerario educativo desde *Gravissimum educationis*, pasando por los principales documentos del pontificado del papa Francisco, y finalmente, trazando un mapa constitutivo con definición, elementos y alcances de la práctica educativa en ecología. La propuesta inspiradora es la necesidad de reconocer nuevas acciones sobre el estilo de vida actual elegido por la sociedad, haciéndonos reflexionar que se necesita superar la comprensión ambigua de que hay dos crisis separadas, la del hombre y la ecológica, cuando en realidad hay una sola compleja crisis socioambiental. Se concluye identificando la educación ecológica como un nuevo paradigma de vida y su relación con otros saberes en el proceso de la enseñanza religiosa.

PALABRAS CLAVE

educación, ecología, crisis, humanidad, conversión

ABSTRACT

This article aims to develop what ecological education is in the light of the encyclical letter *Laudato si'*. Initially, it traces an educational itinerary of *Gravissimum educationis*, going through the main documents of the pontificate of pope Francis, and finally, outlining a constitutive map with definition, elements and scope of this ecologically educational practice. The inspiring proposal is the need to recognize new actions on the current lifestyle chosen by society, making us reflect that it needs to overcome the ambiguous understanding of as if there were two separate crises, man's and ecological, while in fact there is only one and a complex socio-environmental crisis. The result is to identify ecological education as a new paradigm of life and its relationship with other knowledge in the process of religious teaching.

KEYWORDS

education, ecology, crisis, humanity, conversion

INTRODUÇÃO

A *Laudato si'* (LS) escrita pelo papa Francisco é a primeira Encíclica a falar exclusivamente sobre o meio ambiente. Composta de seis capítulos, ela segue o método ver, julgar e agir, estando, pois, nesta última a perspectiva da educação e da espiritualidade ecológicas. Na compreensão do Pontífice elas são como que duas asas que levam o homem a uma mudança radical, capazes de criar novos estilos de vida e uma nova aliança da humanidade com o meio ambiente (LS, #202-221).

Para compreendermos, porém, esta proposta precisamos dar um passo atrás e entendermos o que é a educação para o papa Francisco e, mais: se faz obrigatório dar um passo ainda mais atrás ao Concílio Vaticano II, quando, pela primeira vez na história da Igreja houve um Concílio que além de se ater a realidade eclesial, preocupou-se com a dimensão social, política, bem como, se interessou diretamente pela educação, das suas repercussões na pessoa e na sociedade, convidando e colocando no centro o homem na sua integralidade, sem inúteis separações entre espiritual e material, natural e sobrenatural.

A *Gravissimum educationis*, declaração que fala sobre a Educação Cristã, fruto deste Concílio, no número 1 descreve o direito inalienável de todos os homens de receberem uma educação, e no número seguinte que todos os cristãos, uma vez feitos nova criatura mediante a regeneração pela água e pelo Espírito Santo, se chamam e são de fato filhos de Deus, têm direito à educação cristã. Continua ainda no número 3, na orientação da missão dos pais, instruindo-os no dever de criar um ambiente de tal modo animado pelo amor e pela piedade para com Deus e para com os homens que favoreça a completa educação pessoal e social dos filhos.

Este Espírito educativo na família é retomado pelo papa Francisco quando menciona a “tarefa dos pais [de] inclui uma educação da vontade e um desenvolvimento de hábitos bons e tendências afetivas para o bem. Isto implica, segundo o pontífice, que se apresentem como desejáveis os comportamentos a aprender e as tendências a fazer

maturar um diálogo educativo que integre a sensibilidade” (*Amoris laetitia*, #277). Conclui: “é necessária a educação da emotividade e do instinto e, para isso, às vezes torna-se indispensável impormos algum limite” (*AL*, #148). Por essa razão “torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais” (*Evangelii gaudium*, #74).

Neste sentido, a proposta da educação ecológica concentra-se na pessoa e não nos sistemas e modelos educativos existentes, mas no próprio ser humano, como sujeito ativo e capaz de mudar superando a si mesmo, regenerando-se. Desta concepção o Papa segue a sua atenção necessária para os vários âmbitos nos quais são possíveis desenvolvê-la: “a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese, a Igreja Católica, a comunidade cristã [...] nossos seminários, casas religiosas de formação, e outros” (*LS*, #213). Aqui apresentaremos a contribuição da educação ecológica no âmbito da Educação Religiosa Escolar, propondo uma reflexão interdisciplinar e holística, com outras palavras, uma intuição cosmoteândrica. Passamos agora ao conceito que, imediatamente é sucedido pelos seus elementos e, finalmente os lugares mencionados.

EDUCAR PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL

Antes de tudo convém ratificar que a ecologia integral proposta por Francisco na *LS* corresponde a nossa ação holística na relação com Deus, com o outro e com o meio ambiente, a casa comum. É uma ecologia, portanto, integrativa e conexas com a realidade. A educação ecológica, por sua vez, é um instrumento que conscientiza sobre o dever de cuidar da criação e dos outros tendo como ponto de partida as pequenas ações diárias, que uma vez, motivadas e repetidas dão formas a um novo estilo de vida. Diz o Documento que ela é:

A atitude basilar de se autotranscender, rompendo com a consciência isolada e a autoreferencialidade, é a raiz que possibilita

todo o cuidado dos outros e do meio ambiente; e faz brotar a reação moral de ter em conta o impacto que possa provocar cada ação e decisão pessoal fora de si mesmo. Quando somos capazes de superar o individualismo, pode-se realmente desenvolver um estilo de vida alternativo e torna-se possível uma mudança relevante na sociedade (LS, #208).

Chamamos atenção para os termos usados como, autotranscender, raiz e superar. Com eles, o Papa insiste na necessidade do homem de elevar-se a cima do vulgar e superar-se numa atitude qualitativa de relacionar-se com os outros. Uma verdadeira educação ecológica o possibilita, portanto, a compreender e integrar suas ações pondo-as numa direção de cooperação e complementariedade. Tais termos iluminam um percurso que pode ser encontrado a partir dos quatro elementos evidenciados na LS como partes desta proposta: apontar para outro estilo de vida, educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente, a conversão ecológica e o amor civil e político.

APONTAR PARA OUTRO ESTILO DE VIDA

A educação ecológica não é uma educação puramente intelectual, acadêmica, é uma ação pessoal e consciente, como estilo de vida, que nasce do seu confronto com a realidade pessoal, social e ambiental. É um pensar global, mas com um agir local que causa também as mudanças globais e terminam repercutindo sobre a vida pessoal e social.

Esta iniciativa a nível individual é vista como uma resposta a constatação de que a humanidade precisa mudar. Hoje, diz papa Francisco, “falta consciência de uma origem comum, de uma recíproca pertença e de um futuro partilhado por todos. Esta consciência basilar permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida” (LS, #202).

A educação para uma ecologia integral teria, pois, este objetivo de formar a pessoa a ser membro de uma cidadania ecológica na

qual fosse possível habilitar uma sólida e desinteressada virtude a um empenho constante nas pequenas ações cotidianas, isto é, contribuir para desenvolver a sua afinidade e sentimento pelo meio ambiente como uma extensão de sua moradia.

Neste caso, a educação teria como destinatário a pessoa, que uma vez consciente das gravidades presentes, e recebida adequada formação, tornaria ela, uma formadora da consciência social proporcionando uma interiorização do próprio agir e suas próprias consequências. Essa compreensão a retomaremos na discussão mais adiante sobre os lugares educativos.

EDUCAR PARA A ALIANÇA ENTRE A HUMANIDADE E O AMBIENTE

Juntos à necessidade de criar novos estilos de vida, precisa-se educar o homem para esta nova aliança entre a humanidade e o ambiente como pontos deste projeto educativo ecológico. Segundo Francisco, tal projeto deve levar a uma consistência pacífica e um equilíbrio ecológico nos seus diferentes níveis a fim de recuperar a interioridade do homem em si mesmo, o mundo solidário, isto é, com o outro, o natural com os outros seres viventes e com Deus, o nível espiritual (LS, #210).

Tal concepção tem como ponto de partida a constatação de que a própria educação ambiental tem ampliado os seus objetivos, assim diz Francisco: “Se, no começo, ela estava muito centrada na informação científica e na concentração e prevenção dos riscos ambientais, agora tende a incluir, uma crítica dos mitos da modernidade baseados na razão instrumental (individualismo, progresso ilimitado, concorrência, consumismo, mercado sem regras)” (LS, #210).

Esta inclusão de novas interpretações da realidade põe a educação ecológica, portanto, numa dimensão interdisciplinar capaz de articular-se também num percurso polo dimensional, como via de recuperação

e integração dos equilíbrios ecológicos entre a humanidade e o meio ambiente.

Neste sentido, o primeiro passo antes de tudo, seria ajudar a restabelecer a ligação interrompida do homem com o mundo natural, iniciada a partir da visão dualista entre o homem e o resto da criação. Restabelecer esta aliança seria propor uma educação adequada para maturar novos hábitos do homem e não simplesmente limitar em dar-lhe mais informações. Nisso, papa Francisco pede que os “educadores sejam capazes de ordenar os itinerários pedagógicos de uma ética ecológica, de modo que ajudem efetivamente a crescer na solidariedade, na responsabilidade e no cuidado apoiado na compaixão” (LS, #210).

Em contrapartida, cabe ao homem responder tais propostas com pequenas atitudes, comportamento simples e concretas medidas de cuidado pelo mundo natural que é a nossa casa comum.

A educação na responsabilidade ambiental pode incentivar vários comportamentos que têm incidência direta e importante no cuidado do meio ambiente, tais como evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá comer, tratar com desvelo os outros seres vivos, servir-se dos transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas, plantar árvores, apagar as luzes desnecessárias... Tudo isto faz parte duma criatividade generosa e dignificante, que põe a descoberto o melhor do ser humano (LS, #210).

A consequência dessas ações simples e diárias poderia ser a criação de uma *cidadania ecológica* (LS, #211) objetivando levar a todos um maior sentido de solidariedade ao interno da sociedade, de modo especial, com os membros mais vulneráveis da nossa casa comum. Fosse, então, o segundo nível da educação ecológica, o social, tão dilacerado hoje pela insustentabilidade do sistema econômico. Tal sistema, forma sem dúvidas, uma das causas alienantes da sociedade quer pelo seu implacável domínio, quer pelo seu desfrute da natureza e da própria comunidade humana. Resta agora uma encruzilhada:

ou a sociedade escolhe um modo mais sustentável para se viver no planeta ou enfrentar as consequências que são incompatíveis com a sua natureza deste mesmo poder econômico.

A saída é fortalecer algumas iniciativas já presentes, sobretudo entre os jovens, nos quais se pode ver uma nova sensibilidade ecológica e um espírito generoso e de modo admirável a luta pela defesa do meio ambiente (LS, #209). Educar para uma nova aliança entre a humanidade e a nossa casa comum, seria, portanto, fortalecer estes sinais de bondade e solidariedade, criando assim, uma sociedade de amor com novas qualidades de vida.

Mas, este passo de aproveitar responsabilmente melhor a vida e, aquilo presente no mundo não satisfazem plenamente o homem se a sua educação recebida não o conduz a dar um “salto para o Mistério” (LS, #210). Ficaria, pois um vazio espiritual se ele apenas se preocupasse em restabelecer o seu interior, sua aliança com o outro, com o criado, mas se não valorizasse o seu mundo espiritual. Talvez, a crise ecológica contemporânea seja esta revelação também do esquecimento da verdade mais profunda, isto é, que o mundo físico é sobretudo a criação de Deus e é permeado da presença divina. Neste aspecto, podemos afirmar que a crise ecológica é um sintoma da profunda crise espiritual e religiosa causada pela fratura da nossa relação com o Criador.

A missão da educação ecológica para se tornar completa é, por conseguinte, insistir na tomada de consciência que todos devem ter da presença de Deus no mundo natural e na vida das pessoas. Isso significa dizer que a Igreja tem um papel importante em formar as consciências dos seus fiéis para uma educação austera e responsável com os mais pobres e pelo meio ambiente, bem como, de oferecer uma espiritualidade baseada na percepção fundamental da natureza e dos valores que os devem ser reconhecidos.

Não fica dúvidas, deste modo, que a educação ecológica proposta pela LS, tem como eixo transversal a própria pessoa. É com ela, por ela e nela que a educação se inicia, se desenvolve e alcança seu fim. Somente a pessoa tem a capacidade de sair do seu mundo pragmático

e admirar a beleza das coisas criadas por Deus, renovar seu sentimento pela solidariedade com o outro e tornar ao seu próprio mundo com a experiência de que vale a pena a passagem por este mundo.

A CONVERSÃO ECOLÓGICA

Entre as inúmeras experiências que as pessoas fazem ao longo da vida, tanto em nível pessoal como comunitária, tem a religiosa que, impulsionadas pelas palavras do Evangelho nasce a disposição de tomar novas decisões e refazê-las interiormente a cada dia para prosseguir e fortalecer a sua união com o Criador. Quando, por vários motivos, perde este fio condutor, “este elá”, esfria o amor inicial e a paixão pelo outro e conseqüentemente por Deus e pela criação.

A proposta da conversão ecológica tem esta finalidade de recompor o itinerário espiritual a partir “das convicções da nossa fé e das conseqüências daquilo que o Evangelho nos ensina a pensar, sentir e viver” (LS, #216). Não se trata tanto de ideias ou retiros a partir da criação, mas motivar-nos a partir do criado, essa paixão pelo cuidado do mundo.

Da nossa parte, isso exige a revisão de vida para reconhecer em que modo ofendemos a criação de Deus com as nossas ações. Com outras palavras “devemos fazer a experiência de uma conversão, de uma mudança do coração” (LS, #218), para não sermos cristãos comprometidos e até piedosos na vida de fé se ao mesmo tempo, mantemos distantes das preocupações com o meio ambiente ou passivos em não se esforçarem para mudar seus hábitos prejudiciais ao mesmo.

A conversão ecológica supõe então, a nossa capacidade de reconhecermos que somos seres relacionais, ao ponto que, enquanto fazemos uma experiência de relação interior consigo mesmo, é ao mesmo tempo, uma relação intersubjetiva, comunitária, social e cósmica. Portanto, essas relações, apesar de vividas pelos mesmos sujeitos, se distinguem umas das outras. É uma vez que cada uma

delas constitui uma relação específica, necessitamos acolhê-las e reconhecê-las respeitando a especificidade de cada uma delas.

Esta compreensão holística que tudo é relação e todos os seres são interligados (LS, #92,115,120) faz entender que a conversão ecológica é sobretudo a nível pessoal, mas que instiga também uma conversão comunitária como forma de unir as forças para manter a mesma unidade no agir diante das problemáticas sociais e ecológicas.

Esta última, a conversão ecológica comunitária, estimula que a situação na qual o mundo se encontra não pode ser solucionada por atitudes de indivíduos isolados, mas que comportem várias atitudes coletivas a fim de ativar um cuidado generoso e cheio de ternura. Como exemplo, Francisco usa três atitudes que visibilizam bem essas ações fundamentais (LS, #220). A primeira é o crescente sentimento de gratidão e de gratuidade frente ao dom da criação advindo do Pai reconhecendo-a como dom recebido que sai das suas mãos abertas. Rezar antes e depois das refeições, afirma o Pontífice, já é uma forma de recuperar essa gratuidade como virtude.

Uma expressão desta atitude é parar a agradecer a Deus antes e depois das refeições. Proponho aos crentes que retomem este hábito importante e o vivam profundamente. Este momento da bênção da mesa, embora muito breve, recorda-nos que a nossa vida depende de Deus, fortalece o nosso sentido de gratidão pelos dons da criação, dá graças por aqueles que com o seu trabalho fornecem estes bens, e reforça a solidariedade com os mais necessitados. (LS, #227)

A segunda atitude é o aumento da experiência de comunhão com os homens e com toda a criação, isto é, ampliar a consciência amorosa para formar uma grande comunhão universal que perpassa toda a criação culminando definitivamente com Deus. Portanto, não há motivo algum para o ser humano dominar tiranicamente sobre a criatura, mas “a vocação da humanidade é aquela de acompanhar com amor toda a criação no seu caminho escatológico” (Kureetthadam, 2016, p. 90).

E, por fim, a atuação, cada vez mais entusiasmada e criativa, na resolução dos dramas presentes no mundo de hoje. A relação de qualidade superior do homem às demais criaturas não justifica um domínio pessoal e irresponsável, pelo contrário, lhe impõe a grave responsabilidade de cuidar e gerar uma nova cidadania ecológica. Por isso se torna pertinente o convite à conversão ecológica, individual e comunitária, deixada pelo papa Francisco na Encíclica:

Convido todos os cristãos a explicitar esta dimensão da sua conversão, permitindo que a força e a luz da graça recebida se estendam também à relação com as outras criaturas e com o mundo que os rodeia, e suscite aquela sublime fraternidade com a criação inteira que viveu, de maneira tão elucidativa, São Francisco de Assis. (LS, #221)

Em suma, se a conversão ecológica invoca esta mudança de comportamento pessoal e comunitário que se transforma depois numa experiência de comunhão universal com tudo o que existe, ela também se torna a via sublime por meio da qual se possa viver uma fraternidade universal.

AMOR CIVIL E POLÍTICO

O quarto e último elemento da educação ecológica que gostaríamos de destacar é o amor civil e político manifestado por meio de ações comunitárias e marcado pela sensibilidade à fragilidade do outro e da criação.

É necessário, diz Francisco, “voltar a sentir que precisamos do outro, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena sermos bons e honestos” (LS, #229). Este retorno aos elementos essenciais de uma harmoniosa convivência certamente ajuda a eliminar do nosso meio as competições de uns com os outros e a gerar um amor fraterno capaz de ser gratuito e desinteressado.

Trata-se, pois de uma fraternidade universal, que se expressa na responsabilidade para com os outros e o mundo, em atitudes de

bondade e honestidade, sendo, pois, um paradoxo daquilo que a cultura hodierna prega como sendo valores. Este tempo é o momento oportuno para reconhecê-los como insignificantes na educação permanente e valiosa do homem contemporâneo e, deste modo, repropor que o egoísmo pode ser substituído pelo cuidado, o individualismo pela fraternidade e o descartável pelo insubstituível preço que as criaturas possuem em si mesmas. Portanto, como afirma (Figueira, 2012, p. 20) uma educação que se pretenda verdadeiramente ser educação –isto é, verdadeiramente orientada para a construção de pessoas humanas cuja identidade seja assumida em responsabilidade por si e pelos outros– dificilmente se poderá contentar com um paradigma patriarcal. Por isso, é que vão surgindo os contornos de um novo paradigma, não propriamente novo, mas com características que o tornam urgente na cultura contemporânea: é o paradigma que poderíamos denominar de alteridade.

Por isso, é reconhecido, diz Francisco citando Paulo VI, o ideal que a “Igreja propõe ao mundo de uma civilização do amor” (LS, #231), porque reforça que esta sociedade deve se transformar numa fraternidade com valores e atitudes novas de ser e viver, no qual o amor que une as pessoas seja o mesmo amor que unem os seus interesses sociais para um desenvolvimento autêntico. Para tanto, basta apenas colocarmos em prática uma palavra gentil ou qualquer gesto que semeia a paz e a amizade.

Assim sendo, nasce a cultura do cuidado como fruto da soma de amor com atitudes. Nesse contexto, o Papa destaca as ações comunitárias e de associações que intervêm em prol do bem comum, defendendo o meio ambiente natural e urbano e que buscam a construção de um mundo melhor. É evidente que nem todos são chamados a trabalhar diretamente na política, no entanto, não faltam pessoas que intervêm de forma criativa no desenvolvimento do bem comum.

Estes gestos de preocupar-se com os lugares públicos é a forma de recuperar e fazer surgir o novo rosto social da humanidade tão marcado pelos ideais exclusivistas do consumismo. Além disso, de fortalecer a identidade de um povo e de um lugar por meio da

preservação da sua história. Isso equivale afirmar também a proteção dos mais pobres que muitas vezes são esquecidos na memória daqueles que alimentam hoje uma cultura do descartável e do desprezível.

LUGARES OU ÂMBITOS DA EDUCAÇÃO ECOLÓGICA

Depois de apresentar o que é a educação ecológica e seus quatro elementos, neste último ponto, propomos uma descrição dos lugares ou âmbitos para a sua prática. Dois fatores sobressaem: o primeiro são os próprios lugares e o segundo, responde a pergunta como aplicar tal educação, ou seja sua metodologia.

O papa Francisco quando apresenta a atual crise ecológica nos faz identificar que uma de suas causas está na raiz humana e, para superá-la precisar haver uma prática educativa em vários âmbitos da sociedade. Como havíamos acenado antes, tal prática corresponde a uma iniciativa pessoal, pois não se encontra num sistema preestabelecido e por isso exige, muito mais que intelectualidade, uma conversão e decisão de agir com um novo estilo de vida. Este novo modo, nasce da prática do dia a dia em que estamos inseridos e vivemos, como por exemplo, na família como destaque de onde se cultivam os primeiros hábitos e o amadurecimento pessoal:

Vários são os âmbitos educativos: a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese, e outros. Uma boa educação escolar em tenra idade coloca sementes que podem produzir efeitos durante toda a vida. Mas, quero salientar a importância central da família, porque 'é o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente acolhida e protegida contra os múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de um crescimento humano autêntico. Contra a denominada cultura da morte, a família constitui a sede da cultura da vida'. Na família, cultivam-se os primeiros hábitos de amor e cuidado da vida, como, por exemplo, o uso correto das coisas, a ordem e a limpeza, o respeito pelo ecossistema local e a proteção de todas as criaturas. A família é o lugar da formação integral, onde se

desenvolvem os distintos aspectos, intimamente relacionados entre si, do amadurecimento pessoal. Na família, aprende-se a pedir licença sem servilismo, a dizer “obrigado” como expressão duma sentida avaliação das coisas que recebemos, a dominar a agressividade ou a ganância, e a pedir desculpa quando fazemos algo de mal. Estes pequenos gestos de sincera cortesia ajudam a construir uma cultura da vida compartilhada e do respeito pelo que nos rodeia. (LS, #170,171)

De acordo com esses lugares, a pergunta agora que poderia ser feita seria: como aplicar uma educação ecológica nestes âmbitos? Na escola, por exemplo, é uma possibilidade no ensino religioso de contribuir de forma mais prática, para a constituição da educação e da cidadania ambiental por meio de mudança nos estilos de vida. Do ponto de vista didático, todas essas indicações feitas pelo Papa podem ajudar aos professores e demais educadores da área de ensino religioso a contribuírem para a formação de uma consciência e, acima de tudo, uma prática cotidiana de mudança de hábitos com o objetivo maior de preservar o meio ambiente.

No entanto, aqui se constitui, hoje, um desafio e uma implicação para a Educação Religiosa Escolar. Até pouco tempo atrás todas as éticas tinham como pressuposto que “o que tinha relevância ética era a relação direta do homem com o homem, incluindo a relação consigo mesmo” (Jonas, 1995, p. 29). A relação com o mundo externo, entendida como dominação, no sentido de técnica, isto é, de capacidade produtiva, não fazia, até então, parte da pauta ética. Ora, se a função da ética é proteger as vulnerabilidades é de necessária importância reconhecer, hoje, nas escolas e ensinos religiosos, que a natureza também é vulnerável e fomentar nos estudantes uma mudança de mentalidade. Neste sentido, a *Laudato si'* contribui como referimento teórico, pois a mesma, indica a noção não fragmentária da realidade e aponta para o ensino sistemático uma forma diferente de compreender a relação Homem-Mundo sem esquecer sua relação com Deus.

A intuição cosmoteândrica, apresentada por Raimon Panikkar, pode ser um roteiro para essa implicação: Para o autor, isso significa a

concepção totalmente integrada do “tecido sem costuras da realidade inteira” (1999, p. 26), que expressa aquela visão da realidade que compreende o divino, o humano e o cósmico. Assim sendo, a Realidade é trinitária e tem uma dimensão divina, uma dimensão humana e uma dimensão material. Suas “realidades” podem diferenciar-se, porém não se separar. Não existe nem monismo, nem dualismo, trata-se de uma relação a-dual e o ser humano faz parte dessa realidade.

Essa constatação remete a uma compreensão, necessidade e proposta de uma educação integral ofertada pela escola, capaz de auxiliar o homem e a mulher do nosso tempo a pensar com o coração aberto e agir com a consciência purificada. No fundo, essa situação configura a jornada educativa religiosa imprescindível: dar unidade ao humano dividido pelas experiências advindas dos amores feridos e da sensação de autonomia de Deus, enquanto essa se manifesta fragilizada, doentia, infantil e recompensada por espiritualidades vazias de uma verdadeira alteridade.

Já do ponto de vista da família a educação ecológica pode contribuir para os cultivos dos primeiros hábitos de amor e cuidado da vida, como, por exemplo, o uso correto das coisas, a ordem e a limpeza, o respeito pelo ecossistema local e a proteção de todas as criaturas. Na família, aprende-se a pedir licença sem servilismo, a dizer ‘obrigado’ como expressão duma sentida avaliação das coisas que recebemos, a dominar a agressividade ou a ganância, e a pedir desculpa quando fazemos algo de mal. Estes pequenos gestos de sincera cortesia ajudam a construir uma cultura da vida compartilhada e do respeito pelo que nos rodeia” (LS, #213).

Já a comunicação vista pela LS se pressupõe aquela dinamicidade que tudo está interligado. E é aqui que a própria encíclica vem em nosso socorro. Ao criticar o antropocentrismo, ou o seu contrário, o biocentrismo, Francisco diz esperar “o desenvolvimento de uma nova síntese, que ultrapasse as falsas dialéticas dos últimos séculos” (LS, #121). Cremos que outra falsa dialética é a que propõe uma divisão radical entre o humano e o tecnológico, como âmbitos opostos. Sendo um processo comunicacional, a cultura também deve ser entendida

“especialmente no seu sentido vivo, dinâmico e participativo” (LS, #143), envolvendo diversos agentes –humanos, sociais, tecnológicos, simbólicos– em uma ambiência complexa.

Por último, é interessante também assinalar como a dimensão catequética está ligada diretamente à questão da educação ecológica. No Brasil, por exemplo, várias Campanhas da fraternidade têm abordado temas relacionados com o meio ambiente. Em 2017, por exemplo, o tema foi Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida’ e o lema ‘Cultivar e guardar a criação’. O seu texto base reflete, na segunda parte, sobre o conteúdo das catequeses de Jesus contendo os elementos da criação. Afirmam os Bispos: “Em suas parábolas, Jesus faz perceber que a criação contém em si explicações do agir de Deus (Mc 4:39) e de realidades relativas ao Reino dos Céus. [...] Na sua catequese, Jesus utiliza elementos da criação” (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2017, #73-89). Isso nos ajuda a entender como a catequese pode contribuir para uma cidadania ecológica e conseqüentemente, para salvar o nosso planeta.

A EDUCAÇÃO ECOLÓGICA COMO NOVO PROGRAMA DE VIDA E SUA RELAÇÃO COM OS OUTROS SABERES

Se concentrarmos nossa reflexão sobre a educação ecológica apenas como uma maneira de dar respostas urgentes aos desafios atuais da contemporânea crise ecológica, estaríamos reduzindo ao máximo a proposta da LS, e conseqüentemente, eliminando o seu espírito holístico do qual ela é impregnada. No fundo, ela é mais do que uma oferta, é uma proposta de um novo programa de estilo de vida capaz de levar o homem à “sua capacidade de superar, voltar a escolher o bem e regenerar-se a fim de que ele possa olhar para si mesmo com honestidade, externar o próprio pesar e encetar caminhos novos rumo à verdadeira liberdade” (LS, #205).

Neste novo percurso, nada impedirá ao homem à sua abertura ao bem, a verdade e, assim ao novo estilo de vida sustentável. Prova

disso, é que se pode verificar que o próprio sistema econômico se rende às suas pressões quando o mesmo se decide lutar e pressioná-lo por meio dos movimentos consumidores, confirmando a hipótese segundo a qual, quando o homem, a sociedade, mudam seus hábitos, as empresas mudam também seus modelos de produção.

Daí a decisão firme do homem em apontar para este novo estilo ecológico de vida, caso contrário, permanecerá na mesma situação e não alcançará transformar nem o sentido ecológico da indústria nem da economia, tampouco, agir na atual situação que se encontra a nossa casa comum. Neste sentido, Moltmann, quando se perguntou sobre um estilo ecológico de vida no quadro de uma ética da terra, chegou à conclusão da necessidade de adotar um novo estilo alternativo de vida, porque o precedente vivido na sociedade industrial e capitalista foi a causa determinante da catástrofe ecológica. Segundo ele, uma nova cultura da moderação requer este comportamento honesto, um estilo simples de vida, autêntico e livre das propagandas persuasivas dos meios de comunicação e dos setores da economia (2011, p. 189).

Por isso, Francisco fala do desafio educativo, pois segundo ele o paradigma cultural hoje é condicionado pela técnica capaz de deixar o homem impotente em escolher um novo estilo de vida sem tê-la presente (LS, #108). Se é desafiante não significa dizer, porém, que é impossível. Basta desejar sair de si mesmo e caminhar em direção ao outro, reconhecendo o seu valor e o da criação, para que nasça uma nova aliança e novas mudanças na sociedade.

O papa Francisco na *Fratelli tutti* resume bem esta necessidade quando ele questiona: “que sucede quando não há a fraternidade conscientemente cultivada, quando não há uma vontade política de fraternidade, traduzida numa educação para a fraternidade, o diálogo, a descoberta da reciprocidade e enriquecimento mútuo como valores? Sucedem que a liberdade se atenua, predominando assim uma condição de solidão, de pura autonomia para pertencer a alguém ou a alguma coisa, ou apenas para possuir e desfrutar” (Fratelli tutti 103).

CONCLUSÃO

Vimos que a proposta da educação ecológica, longe de ser um modismo, constitui um estilo de vida que deve ser assumido por todos. Pressupõe que o homem deve se reencantar pela criação, despertando o seu fascínio e orientando-se para a sacralidade da mesma, aprofundando com isso, seu temor e veneração, como forma de integrar o seu direito e o das outras coisas criadas num único modo de agir. Educar ecologicamente o homem, consiste nisso: despertá-lo que ele não tem o direito de ignorar a ordem e o dinamismo com as quais Deus criou toda a criação. Isso inclui quatro passos:

Primeiro, que ele enquanto ser ontológico, é um indivíduo diante das demais criaturas que goza de uma qualidade e, por esta razão, a única criatura que tem consciência da relação com o outro, com Deus e com a terra.

Segundo que a educação ecológica o ajudaria a restabelecer a ligação interrompida do homem com o mundo natural, iniciada, a partir da visão dualista entre ele e o resto da criação. Restabelecendo, pois esta aliança adequada para maturar os novos hábitos do homem e formar assim uma nova cidadania ecológica.

Terceiro passo é aquele que Francisco chamou de conversão ecológica, ou seja, uma mudança no coração supondo a nossa capacidade de reconhecermos que somos seres relacionais, ao ponto que, enquanto fazemos uma experiência de relação interior consigo mesmo, é ao mesmo tempo, uma relação intersubjetiva, comunitária, social e cósmica. Daí a necessidade de que a conversão pessoal se transforme depois em uma conversão comunitária. Diz Francisco: “não haverá uma ecologia sã e sustentável, capaz de transformar seja o que for, se não mudarem as pessoas, se não forem incentivadas a adotar outro estilo de vida, menos voraz, mais sereno, mais respeitador, menos ansioso, mais fraterno” (Querida Amazonia, #58).

E o último, o amor civil e político manifestado por meio de ações comunitárias pela sensibilidade à fragilidade do outro e da criação, tratando-se de uma fraternidade universal, que se expressa na

responsabilidade para com os outros e o mundo fazendo nascer uma cultura do cuidado como fruto da soma de amor com as atitudes.

BIBLIOGRAFIA

- Concílio Vaticano II (1965). *Declaração Gravissimum educationis*. Paulus.
- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (2017). *Campanha da Fraternidade 2017. Texto base*. Edições CNBB.
- Figueira E. (2012). *Teologia e Educação: educar para a caridade e a solidariedade*. Paulinas.
- Francisco. (2013). *Exortação apostólica Evangelii gaudium: sobre o Evangelho no mundo atual*. Paulinas.
- Francisco. (2015). *Carta encíclica Laudato si'*. *Sobre o cuidado da casa comum*. Libreria Editrice Vaticana.
- Francisco. (2016). *Exortação Amoris laetitia: sobre o amor na família*. Paulinas.
- Francisco. (2020). *Carta encíclica Fratelli tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. Paulinas.
- Francisco. (2020). *Exortação apostólica pós-sinodal Querida Amazônia*. Paulinas.
- Jonas, H. (1995). *El principio de responsabilidad*. Herder.
- Panikkar, R. (1999). *El mundanal silencio*. Martínez Roca.

Fecha de envío: 4 de octubre de 2021

Fecha de aceptación: 14 de octubre de 2021

